



ENSAIO SOBRE A NATUREZA HUMANA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE ABRAHAM MASLOW

Jonas Muriel Backendorf¹

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre quem somos enquanto espécie humana, tarefa que, aqui, se enquadra nos estudos da psicologia moral, mais especificamente nas vertentes que buscam compreender e definir de um modo mais abrangente o sujeito ou agente moral. A perspectiva aqui adotada é a do pensador norte-americano Abraham Maslow, cuja obra é focada na defesa de uma natureza humana dotada de potenciais elevados e em certo sentido negligenciados por toda a tradição de pensamento ocidental. A abordagem do autor é de difícil enquadramento quanto a sua metodologia, mas de modo geral pode se dizer que tem caráter fenomenológico e é, neste texto, estudada especialmente devido às contribuições que pode oferecer para uma teoria ética realista e focada num entendimento abrangente da vida moral concreta.

Palavras-chave: Personalidade saudável. Valores humanos. Convivência harmoniosa. Necessidades básicas. Transcendência.

ESSAY ON HUMAN NATURE: A REFLECTION FROM ABRAHAM MASLOW

ABSTRACT

This paper presents some thoughts about who we are as humans, a task that fits in the field of moral psychology, specifically in the areas which aims understanding and defining more broadly the moral subject or agent. The perspective adopted here is that of the American Abraham Maslow, whose work is focused on the defense of a human nature endowed with high potential and in a sense neglected by the Western tradition. Regarding its methodology, it is hard to define the author's approach, but in general terms it has a phenomenological aspect.

¹ Aluno de graduação do curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Nevertheless, it is studied here for its contributions to a realistic ethical theory focused on a comprehensive understanding of our concrete moral life.

Keywords: Healthy personality. Human values. Harmonious coexistence. Basic needs. Transcendence.

A formulação de problemas é muitas vezes mais importante que a sua solução, que pode ser apenas uma questão de habilidade matemática ou experimental. Propor problemas novos, possibilidades novas, e encarar os velhos sob um novo ângulo requer imaginação criadora e é o que promove o progresso da ciência.

Albert Einstein e Leopold Infeld

Quanto à virtude, quem pensa nela? Acreditam implantá-la na alma da criança mediante insípidas lições de moral? Acreditam que bastam discursos para desenvolver a vontade, a coragem, a paciência, a temperança, o domínio sobre si mesmo, qualidades viris por excelência, e também a bondade, a lealdade, a sinceridade, a retidão?

Michel de Montaigne

Se conhecimento e entendimento bastassem, nenhum médico seria fumante.

Autor desconhecido

Introdução

Elizabeth Anscombe, em seu “Filosofia Moral Moderna”, empreende uma contundente crítica a toda a moralidade moderna. O foco de seu ataque são as noções de ‘dever’ e ‘obrigação’, cujo sentido seria ainda uma herança oculta da moral cristã. A proposta de Anscombe (1981) é a de que a ética filosófica cesse suas elucubrações centradas em noções para as quais não pode oferecer uma base ou fundamento concreto. O dever e a obrigação, no sentido em que eram empregados pela filosofia medieval, eram fruto da legislação divina, de modo que não há para eles espaço numa filosofia secular – dado que para que haja uma lei é

preciso que haja também um legislador dotado de alguma espécie de poder superior.

A possibilidade de avanço nas discussões da ética estaria atrelada, desse modo, diz Anscombe (op. cit.), ao desenvolvimento de uma “filosofia coerente da psicologia”, campo de estudo que possibilitaria adentrar naquilo que é de fato a área de maior interesse para o desenvolvimento da moralidade: o entendimento das complexidades psicológicas que permeiam a nossa vida moral. Esse estudo abriria a possibilidade de uma compreensão aprofundada “do que é uma ação humana e de como sua descrição em termos de ‘fazer tal coisa’ é afetada por sua motivação e pela intenção ou intenções nela, para o que se exige uma caracterização de tais conceitos” (ANSCOMBE, 1981, p. 27).

O presente trabalho representa um esforço para trazer para o campo da filosofia as abordagens exigidas por Anscombe (op. cit.). Fugindo um pouco do *modus operandi* comum à moralidade, deixamos provisoriamente de lado o debate sobre o certo e o errado e focamos a discussão nos traços que definem o agente moral e que constituem, segundo a concepção aqui adotada, o verdadeiro terreno concreto da moralidade. A ideia de uma natureza humana que tende, em seus impulsos básicos, para a saúde e para a realização harmônica de seus potenciais constitui o fio condutor das linhas que se seguem. Evidentemente, a resposta que apresentamos é só uma dentre uma infindável gama de possibilidades.

A compreensão desses impulsos e capacidades do homem, a partir de suas manifestações práticas – quando desenvolvidos de modo excelente – podem representar um parâmetro verdadeiramente válido para tematizar sobre o que é de fato bom e mau para a vida humana. Nesse sentido, vale novamente a referência a Anscombe:

Resta buscar por normas nas virtudes humanas: assim como o *homem* tem tantos dentes, que por certo não são o número médio de dentes que os homens têm, mas é o número de dentes da espécie, talvez a espécie *homem*, considerada não apenas biologicamente, mas do ponto de vista da atividade de pensamento e escolha nos vários setores da vida – poderes, faculdades e uso das coisas de que precisa -, “tenha” tais e tais virtudes e este “homem” com o conjunto completo de virtudes seja a “norma”, como o “homem” com, e.g., um conjunto completo de dentes é a norma. Nesse sentido, porém, “norma” deixa de ser *grosso modo* equivalente a “lei”. Nesse sentido, a noção de uma “norma” nos aproxima antes de uma concepção aristotélica do que de uma concepção legalista em ética (ANSCOMBE, 1981, p. 46).

A teoria de Maslow representa um esforço do autor para compreender e afirmar a beleza e a riqueza da vida humana. Seus trabalhos ganharam rapidamente notoriedade dentro da psicologia, o que levou o autor a ser considerado um dos teóricos mais importantes da segunda metade do século passado e a ser congratuado com a presidência a APA (Associação Americana de Psicologia). A ideia central do autor, se é que se pode delimitar uma, é a de que a própria natureza humana carrega em si as respostas de que carecemos para resolver boa parte dos nossos problemas morais mais crônicos, como a violência, as guerras, as patologias psicológicas e existenciais, os fanatismos, a intolerância, etc.

Segundo o autor, existe uma pequena parcela de pessoas que atingem um estágio de pleno funcionamento de suas capacidades humanas (ou a plena realização de seus potenciais), e a compreensão do que se passou e do que se passa com essas pessoas têm muito a nos ensinar sobre como chegar a esse estágio, sobre como educar nossas crianças, sobre como formular políticas públicas para a paz, para o desenvolvimento e para a riqueza existencial. Explorar, portanto, os potenciais humanos, de modo a compreender

aprofundadamente não só as nossas patologias e os nossos distúrbios, mas a nossa saúde, a nossa realização, a nossa riqueza inerente são tarefas necessárias para darmos conta das lacunas deixadas pelas teorias políticas, econômicas e pedagógicas de nossa época, teorias que, pautadas no paradigma da pura objetividade, acabam por propor conceitos de “riqueza”, “desenvolvimento”, “paz”, “saúde”, “realização” etc. totalmente frios, superficiais e desumanizados. Exemplos emblemáticos disso são as teorias econômicas pautadas unicamente em parâmetros financeiros, bem como as tendências atuais de medicalização como “solução” para todas as dificuldades existenciais.

Este texto, então, subdivide-se da seguinte forma: o tópico primeiro apresenta a versão humanista de Maslow para a noção de “plenitude psicológica”, que carrega, em certo sentido, semelhanças com a ideia aristotélica de excelência do caráter e a ideia nietzschiana de saúde plena². O segundo tópico trata da teoria do desenvolvimento da personalidade, que apresenta a natureza humana como dotada de potenciais (no sentido aristotélico) que exigem do espaço cultural-social os estímulos adequados (necessários) para o adequado desenvolvimento. Por fim, buscamos, no terceiro tópico, uma interpretação das dificuldades sociais da nossa realidade a partir dos conceitos centrais de Maslow.

² Tanto em Aristóteles como em Nietzsche a essência da moralidade não está em conceitos como o de certo e errado ou de dever e obrigação. Ambos, cada um enfocando um conjunto específico de traços da personalidade, afirmam o agente como modelo a ser cultivado e cujo desenvolvimento excelente constitui a mais alta aspiração da moralidade. Em Aristóteles há uma sobreposição da capacidade racional sobre os instintos e paixões do corpo, de modo que o caráter excelente é o daquele homem que atinge um grau de maestria no uso de suas capacidades racionais e guia sua vida pelos princípios do perfeito equilíbrio e temperança. Em Nietzsche, por outro lado, são os instintos que carregam em si a verdadeira sabedoria, sendo o homem saudável e pleno aquele que afirma corajosamente sua constituição corporal e vê resultar de uma aparente ‘guerra interna’ a plenitude existencial.

Vale o alerta inicial ao leitor de que, apesar de a linguagem aqui empregada muitas vezes sugerir um funcionamento mecânico da personalidade psicológica (pelo emprego de conceitos como “saúde”, “funcionamento”, “integração”, etc.), não é, de modo algum, intenção do presente trabalho defender ideias de tal natureza. As necessidades básicas, as capacidades, o pleno funcionamento, a integração interna, etc. do indivíduo humano serão tratados aqui sempre como um complexo sistema dialético que envolve essencialmente a estrutura física natural (os traços potenciais transmitidos geneticamente) do indivíduo e a relação de retroalimentação desta com a realidade social e cultural. A cultura, neste sentido, atua como uma espécie de matéria prima a partir da qual as capacidades naturais do indivíduo se realizam. A cultura é matéria prima porque ela, essencialmente, não cria as capacidades humanas. O homem já nasce com estas, e é dado à cultura potencializar (ou bloquear) o desenvolvimento de tais capacidades.

Desse modo, não há como se falar em natureza humana afastada do convívio social, muito menos de necessidades psicológicas que podem ser satisfeitas por pílulas de laboratório ou capacidades humanas realizáveis por qualquer tipo de aprimoramento artificial. Em que pese o fato das recentes tecnologias serem relevantes para potencializar o nosso desempenho (especialmente em casos de dificuldades intrínsecas), é notório e inegável que nossas capacidades humanas básicas são, e sempre foram, realizáveis a partir das relações estabelecidas dentro dos próprios limites humanos, dados pelas relações sociais concretas e simbólicas, de modo que nada substitui o cultivo da nossa própria natureza interna, a educação focada no desenvolvimento das nossas capacidades intrínsecas, e as políticas sociais pautadas na realização das nossas necessidades básicas.

O conceito de “plenitude psicológica”

Maslow apresenta meios a partir dos quais julga ser possível avaliar, com um certo grau de efetividade, o nível de desenvolvimento ou amadurecimento psicológico dos indivíduos. Esses métodos, dado que estamos tratando de seres humanos, não devem ser concebidos como fórmulas fixas, tampouco podem ser aplicados adequadamente sem que se leve em conta o contexto idiossincrático em que se encontra o indivíduo.

Segundo tal concepção, boa parte dos comportamentos que costumam ser interpretados, genericamente, como doentios precisam ser revistos numa teoria coerente da saúde psicológica. Há muitas correntes teóricas, tanto na filosofia como na psicologia e na psiquiatria, que têm por hábito definir saúde psicológica como o adequado ajustamento ao meio. Isso claramente é um erro, tendo em vista que uma pessoa pode estar ajustada tanto a uma realidade saudável quanto a uma cultura de hábitos deploráveis: Claramente, o que será chamado problemas de personalidade depende de quem lhes dá essa designação. O dono do escravo? O ditador? O pai patriarcal? O marido que quer que a sua esposa permaneça uma criança? (MASLOW, 1968, p. 32).

Vemos, nas entrelinhas dessas palavras, que nem sempre agir, por exemplo, com zelo e carinho é fazer o bem, e que nem sempre agir com hostilidade e agressividade significa praticar o mal. A pessoa que age com violência tende a ser recriminada, aprioristicamente, pela sua atitude. Ocorre que, muitas vezes, a violência é mais do que um ato desmedido que causa danos a terceiros; ela aparece, também, como uma atitude reativa do indivíduo, motivada por seus mecanismos psicológicos, com a finalidade de preservar sua integridade individual. Ou seja, mesmo a pessoa que poderíamos classificar como dotada de uma personalidade madura não deixa, como regra, de ser violenta e fazer o que as teorias do ‘ajustamento’ tratam como maldades:

Na pessoa mais sadia, a cólera é reativa (a uma situação presente), em vez de um reservatório caracterológico do passado. Quer dizer, trata-se de uma resposta realista e efetiva a algo real e presente, por exemplo, à injustiça, ou exploração, ou ataque, em vez de um transbordamento catártico de revide ou vingança mal dirigida e ineficaz contra espectadores inocentes, por pecados que alguma outra pessoa possa ter cometido há muito tempo (MASLOW, 1968, p. 195).

A forma proposta por Maslow para medir a saúde psicológica leva em consideração, acima de tudo, o nível apresentado pelo organismo de funcionamento de suas capacidades, que pressupõem uma adequada satisfação de suas necessidades básicas (que serão tematizadas posteriormente no presente texto). Assim, da mesma forma que um corpo saudável é aquele que tem todos os órgãos funcionando adequadamente, a personalidade saudável é aquela que desenvolve adequadamente suas capacidades (racionais, sentimentais, emotivas, criativas etc.) e aceita, conhece e expressa abertamente suas particularidades. E isso, diz Maslow, esse estágio de “plena harmonia interna”,

não é só sentido subjetivamente, mas pode ser também visto pelo observador. A pessoa já não está desperdiçando os seus esforços, lutando e contendo-se; os músculos deixam de ser músculos combatentes. Na situação normal, parte das nossas capacidades é usada para a ação e parte é desperdiçada para restringir essas mesmas capacidades. Agora não existe tal desperdício; a totalidade das capacidades pode ser usada para a ação. A pessoa torna-se um rio sem represas (MASLOW, 1968, p. 121).

Um indivíduo, por exemplo, que apresenta níveis altos de insegurança, dependência, medo, ansiedade, agressividade, em situações não condizentes com tais comportamentos é, provavelmente, um indivíduo que enfrenta barreiras ao desenvolvimento pleno. Por outro lado, características como segurança de si, curiosidade, abertura, espontaneidade, autonomia e integração interna são

claramente sinais de uma personalidade satisfatoriamente desenvolvida, na medida em que o indivíduo delas dotado atinge uma harmonia de funcionamento e uma visão consciente e realista em relação às suas ações e à vida (o mundo externo) como um todo. Na visão de Maslow:

Quando chega a ser mais pura e singularmente ela própria, a pessoa está mais apta a fundir-se com o mundo, com o que anteriormente era não-eu. Por exemplo, os amantes aproximam-se mais de formar uma unidade, em vez de duas pessoas, o monismo Eu-Tu torna-se mais possível, o criador torna-se uno com a obra que criou, a mãe sente-se una com o filho, o apreciador torna-se a música (e esta se torna ele), ou o quadro, ou a dança, o astrônomo está “lá fora” com as estrelas (em vez de um isolamento espreitando através do abismo para outro isolamento, através do orifício do telescópio) (MASLOW, 1968, p. 121).

Em uma palavra, essas características poderiam ser definidas como positivas na medida em que representam uma afirmação da própria vida total, da saúde, do crescimento, em sentido semelhante ao que Nietzsche utiliza para descrever o crescimento do homem a partir da afirmação e desenvolvimento de sua “vontade de potência”.

Maslow caracteriza o mais alto *status* de harmonia no funcionamento interno da pessoa como “individação”, que significa, em outras palavras, a plena expressão de sua individualidade. Esse estado ideal é tomado não como algo a que se pode chegar com facilidade; mas como parâmetro por meio do qual podemos interpretar nosso grau de desenvolvimento pessoal e a partir do qual podemos refletir com mais precisão e concretude sobre políticas educativas e públicas de modo geral. Algumas características da pessoa sadia são elencadas pelo autor, a partir especialmente de suas observações clínicas e de estudos detalhados de biografias de pessoas tidas pelo autor como de notória realização pessoal, da seguinte maneira:

1. Percepção superior da realidade; 2. Aceitação crescente do eu, dos outros e da natureza; 3. Espontaneidade crescente; 4. Aumento de concentração no problema; 5. Crescente distanciamento e desejo de intimidade; 6. Crescente autonomia e resistência à enculturação; 7. Maior originalidade de apreciação e riqueza de reação emocional; 8. Maior frequência de experiências culminantes; 9. Maior identificação com a espécie humana; 10. Relações interpessoais mudadas (o clínico diria, neste caso, melhoradas); 11. Estrutura de caráter mais democrática; 12. Grande aumento de criatividade; 13. Certas mudanças no sistema de valores (MASLOW, 1968, p. 52).

Resumidamente, o que essas características parecem dizer é que:

as pessoas sadias satisfizeram suficientemente as suas necessidades básicas de segurança, filiação, amor, respeito e amor-próprio, de modo que são primordialmente motivadas pelas tendências para a individuação (definida como o processo de realização de potenciais, capacidades e talentos, como realização plena de missão (ou vocação, destino, apelo), como um conhecimento mais completo e a aceitação da própria natureza intrínseca da pessoa, como uma tendência incessante para a unidade, a integração ou sinergia, dentro da própria pessoa) (MASLOW, 1968, p. 52).

A melhor forma de entender a ideia de individuação talvez possa ser obtida pela observação subjetiva dos momentos em que ocorre aquilo que Maslow chama de experiência culminante. A experiência culminante é um breve lampejo de plenitude; aparece em situações de extrema satisfação ou realização frente à vida e expressa o funcionamento harmônico de nossos potenciais. Ocorre em situações tais como uma grande conquista pessoal, uma deleitosa experiência estética, uma profunda troca íntima com outra(s) pessoa(s), uma experiência orgástica, uma transbordante expressão criativa, dentre outras.

Em termos gerais, a experiência culminante tende a aparecer de modo mais claro e forte, segundo Maslow, como sensação resultante da satisfação das nossas necessidades básicas. Desse modo, para aquele indivíduo que se encontra em situação de fome, a “plenitude” é acessada momentaneamente quando vê

garantido o próprio sustento, momento em que novas necessidades aparecem como motivações. Da mesma forma, para o indivíduo com dificuldades de expressão, a sensação de “plenitude” pode aparecer após atingir um feito tal como falar para um grande público com coragem e desenvoltura. O amor romântico talvez seja a mais clara e evidente tradução para o que estamos querendo dizer. Como explicar a sensação de completude atingida, e amplamente testemunhada por todo um universo poético-estético, quando se atinge o estabelecimento de um vínculo concreto ou uma troca mútua com a pessoa amada? Quem quer que tenha vivido tal experiência não ousará negar que naquele momento tudo no mundo se torna mais belo e harmonioso, pelo menos até que esse sentimento seja ofuscado pelo aparecimento de novas necessidades.

Outra demonstração empírica de como nos sentimos em situações semelhantes a do estado culminante (mas que não é concretamente uma experiência culminante) pode ser vista em experiências como a de assistir uma palestra motivacional, diante da qual, momentaneamente, o público parece ter encontrado, a partir da fala contagiante do orador, a solução para seus problemas e a resposta para suas inquietações. O palestrante motivacional sabe captar as aflições internas das pessoas, bem como suas necessidades e ambições (que, num certo sentido, como estamos tentando demonstrar, são mais universais do que parecem), e organiza sua fala a partir desses traços de modo a oferecer respostas para as aflições, e saídas para as necessidades e ambições. Qualquer pessoa que tenha ouvido em algum momento da vida um bom palestrante ou orador motivacional é testemunha da elevação momentânea que se atinge em tal situação, bem como da decepção geralmente sentida após “voltar à realidade”, já que, diferentemente da situação culminante, que via de regra representa um estágio de amadurecimento da pessoa, a palestra

motivacional, apesar de muitas vezes gerar aprendizados, costuma representar apenas uma ilusão de resolução das dificuldades psicológicas das pessoas. Esse mesmo mecanismo, que persuade a partir das necessidades e aspirações humanas, pode ser visto, de algum modo, na propaganda comercial, nos cultos religiosos, nos livros de auto-ajuda, e assim por diante.

Todos nós, com maior ou menor frequência, atingimos experiências culminantes. E, nesses momentos, sentimo-nos livres, capazes, donos de nós próprios e das nossas ações, alegres e deslumbrados com a realidade – a mesma que pode ter parecido, outrora, tão feia. Os conflitos são amenizados, as dores cessam, os medos desaparecem. Momentaneamente, atingimos um estado místico, divino, intraduzível pela linguagem.

Esses estados, argumenta Maslow, são aquilo que podemos considerar como a mais forte evidência de como funciona um organismo pleno, bem-resolvido com suas necessidades básicas regressivas, realizado em seus potenciais particulares. Eles aparecem com frequência e duração tanto maiores quanto mais desenvolvida for a personalidade da pessoa. Assim como uma mente bem treinada para a leitura tende a produzir com mais frequência boas interpretações, também a personalidade livre dos conflitos gerados pelas dificuldades de desenvolvimento interno tende a acessar com mais frequência e profundidade as coisas belas da vida.

Por fim, argumenta Maslow, essas experiências culminantes, como micro reflexos da plenitude humana, costumeiramente são aquelas que geram em nós um sentimento de inesperada “gratidão”, seja por Deus, pela natureza, por outras pessoas, etc. e todas elas têm em comum a gratidão para com a própria vida, fazendo com que sintamos a beleza da existência, a recompensa pelos esforços, e, o mais importante para uma teoria da moralidade, a vontade de retribuir a essa satisfação pessoal. Assim, no momento em que passamos a ver o

mundo como responsável por gratificações pessoais nossas, isto é, quando o mundo e a cultura onde estamos inseridos são de fato gratificantes mais do que frustrantes, passamos ao mesmo tempo a amar mais e a desejar com mais força o “bom andamento” desse meio onde estamos inseridos.

Os degraus básicos do desenvolvimento da personalidade

O homem demonstra *em sua própria natureza* uma pressão no sentido do Ser cada vez mais completo, da realização cada vez mais perfeita da sua condição humana, exatamente no mesmo sentido naturalista, científico, em que se pode afirmar que uma glândula “pressiona no sentido” de ser um carvalho, ou em que pode ser observado que um tigre “se esforça” para ser tigrino ou um cavalo para ser equino. O homem, fundamentalmente, *não* é moldado ou talhado numa condição humana, nem ensinado para ser humano. O papel do meio consiste, em última análise, em permitir-lhe ou ajudá-lo a realizar as *suas próprias potencialidades*, não as potencialidades do meio. Este não lhe confere potencialidades e capacidades; o homem é que as possui em si, numa forma incipiente ou embrionária, exatamente como possui braços e pernas em embrião. E a criatividade, a espontaneidade, a individualidade, a autenticidade, o cuidado com os outros, a capacidade de amar, o anseio de verdade, são potencialidades embrionárias que pertencem à espécie de que ele é membro, tal qual seus braços e pernas, seus olhos e cérebro (MASLOW, 1968, p. 193).

Entendido razoavelmente o conceito de plenitude psicológica, podemos adentrar a explanação daquilo que, em tese, facilita e daquilo que dificulta o atingimento de tal estado.

Segundo Maslow, erram gravemente, conforme já dito, as teorias filosóficas e psicológicas que restringem sua descrição do ser humano ao caráter racional de nossa constituição natural. As consequências de defender, como uma significativa parte dessas teorias faz, um radical “controle racional das paixões” - que se traduz em bloqueio de parte significativa da nossa constituição natural - são perversas para o amadurecimento pessoal dos indivíduos.

Qualquer um que faça uma reflexão breve sobre suas experiências cotidianas terá a possibilidade de perceber quão grande é a quantidade de comportamentos motivados por vontades ou forças não controladas. Mesmo que haja uma razão que faz a escolha final (como, p. ex., qual música ouvir), é certo que a motivação para ouvir música, e mais especificamente a escolha de gêneros musicais determinados, não é fruto de um cálculo puramente racional. Essas vontades não controladas, que podem ser interpretadas como produtos daquilo que estamos chamando de necessidades básicas, originalmente tendem a refletir uma espécie de sabedoria do corpo (a que a ciência costuma definir como busca por homeostase), de modo que não são, explica Maslow, em princípio, perigosas ou danosas, como quase toda a tradição do pensamento humano as definiu.

Assim, há entre Maslow e Freud, por exemplo, uma concordância em relação à existência de forças incontroláveis (inconscientes) atuando de algum modo em todas as nossas atividades, mas essas forças, diferentemente do que pensava Freud, não são necessariamente perigosas, geradoras de conflitos eternos para a existência do indivíduo. Desse modo, uma realidade cultural gratificante (ou pelo menos não repressiva) tende a potencializar não os conflitos constantes de forças inconscientes opostas, como disse Freud, mas a própria saúde total do indivíduo. Maslow argumenta, em relação a isso, que Freud talvez tenha apresentado a mais rica e profunda compreensão dos nossos distúrbios e conflitos, suas motivações e formas de expressão, mas pelo próprio foco das pesquisas autor, sua teoria não é capaz de dar conta da riqueza e da beleza humanas das realizações humanas, especialmente aquelas expressas pelos indivíduos que atingiram um alto grau de desenvolvimento intrínseco, as quais podem ser sentidas por cada um de nós em situações como as experiências culminantes.

Toda a teoria de Maslow tem como estrutura básica a “hierarquia das necessidades humanas”. Ressalta o autor que da mesma forma que a saúde corporal depende da adequada ingestão, por exemplo, de iodo e vitamina C, a saúde psicológica depende da satisfação de necessidades como a de segurança, amor, e respeito, e boa parte dos distúrbios e conflitos psicológicos tem origem na inadequada ou insuficiente satisfação dessas necessidades básicas (no mesmo sentido que um corpo carente de vitaminas adoece).

Essas necessidades ocupam espaço central nas ações do indivíduo enquanto não adequadamente satisfeitas, e no momento em que são adequadamente satisfeitas, são substituídas automaticamente por necessidades mais altas (apenas a título de facilitar a compreensão dessa transitoriedade de foco, pense-se na pessoa que via em coisas como a aprovação no vestibular o sinônimo da felicidade eterna, e, uma semana após conquistar tão almejado desejo, está totalmente ocupada de outros problemas e já nem lembra do que sentia em relação ao vestibular). As necessidades geram forte demanda sobre a energia vital da pessoa, mesmo quando negligenciadas pelos juízos repressivos (quando a expressão da necessidade encontra barreiras ou impedimentos culturais) - caso em que tendem a continuar atuando inconscientemente de modo desordenado. É como se, por um lado, as necessidades correntes gerassem lacunas no aparato psíquico, e por outro lado o cérebro passasse a agir dando prioridade para o suprimento de tais lacunas e para a “restauração” de sua estrutura completa, e novas lacunas são visualizadas assim que as anteriores são satisfatoriamente preenchidas. Isso faz com que a percepção e o comportamento ditos “imparciais” e racionalmente controlados da pessoa sofram alterações significativas. Nas palavras de Maslow:

Quando as pessoas têm fome, mudam não só as funções gastrointestinais, mas a maior parte das demais funções. A percepção muda (o alimento é percebido com mais rapidez do que em outras

situações). A memória muda (lembramos melhor das boas comidas nessa situação do que em outras). As emoções mudam (há mais tensão e nervosismo do que o normal). O conteúdo dos pensamentos muda (a pessoa está mais preparada para conseguir comida do que para resolver um problema de álgebra). E essa lista poderia ser estendida às demais faculdades, capacidade ou funções, tanto fisiológicas como psíquicas. Em outras palavras, quando as pessoas têm fome, todo o seu corpo tem fome, elas são pessoas diferentes de como são em outras situações (MASLOW, 1999, p. 4; livre tradução).

O mesmo mecanismo de alteração geral de “funcionamento” da pessoa visto na necessidade de alimentação aparece em relação a qualquer outra necessidade. Uma pessoa carente, por exemplo, de aceitação e apreço sociais tende a “distorcer” sua avaliação das coisas e enxergá-las não como são em si mesmas, mas como possíveis meios para satisfazer sua carência. É por esse motivo que, em culturas como a nossa, em que as aparências superficiais e a riqueza material são supervalorizadas, um carro deixa de ser, primordialmente, um meio de locomoção, uma roupa de boa marca deixa de ser produto de qualidade, uma foto tirada em um evento ou local marcante deixa de ser ferramenta de preservação de memórias para tornarem-se, também e muitas vezes, principalmente, meios pelos quais o indivíduo consegue exibir publicamente suas “qualidades”, mostrar seu “valor”, sua capacidade, e com isso buscar um *feedback* positivo da sociedade e consequentemente alimentar, pelo menos de forma aparente, as lacunas geradas por aquelas necessidades em seu aparato psíquico. Esses objetos acabam sendo confundidos, nestes casos, com as próprias necessidades das pessoas, e num ato de alienação no mesmo sentido descrito por Marx, acabam sendo assumidos, momentaneamente (até que o indivíduo atinja necessidades superiores), como partes imprescindíveis do próprio significado da vida.

O mesmo acontece em relação à nossa relação com outras pessoas. É o que vemos, por exemplo, no amor e na amizade carentes, em que o indivíduo faz de

outras pessoas simplesmente meios para satisfazer suas necessidades carentes. Os amantes carentes nunca estão satisfeitos com o comportamento um do outro. Querem moldar o outro de acordo com suas próprias necessidades e interesses particulares. Por outro lado, numa relação de amor maduro um amante não vê no outro um instrumento para suas próprias finalidades, senão um fim em si mesmo, com interesses e necessidades próprias.

No momento em que uma necessidade é adequadamente satisfeita³, o organismo passa, automaticamente, a necessidades superiores. Essa passagem automática deve-se, primordialmente à conjugação entre aquilo que Maslow chama de “auto-atualização” (no mesmo sentido em que ocorre a homeostase do corpo) e o impulso natural de crescimento (e de vida) de que somos dotados. O mecanismo que explica essa tendência de “avançar” é o mesmo que explica, por exemplo, a crescente curiosidade da criança frente às coisas com que se depara.

A criança que domina palavras simples desfruta-as intensamente, mas não fica por aí. Numa atmosfera adequada, ela mostra, espontaneamente, a ânsia de avançar para mais e mais palavras novas, palavras mais extensas, frases mais complexas etc. Se for obrigada a permanecer no nível simples, aborrece-se e mostra-se irrequieta com o que anteriormente a deliciara. Ela quer *avançar*, progredir, crescer. Somente se a frustração, o fracasso, a reprovação ou o ridículo interferirem no próximo passo é que a criança se fixa ou regride [...] (MASLOW, 1968, p. 83).

Mas a passagem de uma necessidade à outra não é algo que aparece claramente no campo consciente do indivíduo. Quando carente, por exemplo, de

³ É imprescindível deixar claro, neste ponto, que as necessidades humanas não são dispostas isoladamente. Isso significa que há sempre mais de uma necessidade atuando ao mesmo tempo, e a hierarquia em que são elencadas por Maslow não deve ser vista como algo rígido a ponto de eliminar o aparecimento concomitante de necessidades “mais baixas” e “mais altas”.

amor, tudo o que o indivíduo (acha que) sabe é que será uma pessoa realizada quando encontrar o amor de sua vida. Se for feliz nessa busca, não tardará em buscar novas necessidades e a vê-las também como finalidades em si mesmas. Há, aqui, uma relação íntima entre meios e fins, no sentido de que cada necessidade é, ao mesmo tempo, um meio para o surgimento de necessidades superiores (e para o crescimento do indivíduo) como também um fim em si mesma. O indivíduo é, desse modo, premiado com “vitórias parciais” a cada necessidade satisfeita adequadamente e vê nisso um fator forte de motivação e sentido para permanecer vivo e buscar coisas novas. Nas palavras de Maslow, esse mecanismo interno atua

de tal modo que a satisfação de uma necessidade e sua conseqüente remoção do centro do palco provocam não um estado de repouso ou de apatia estóica, mas, antes, o aparecimento na consciência de outra necessidade “mais alta”; a carência e o desejo continuam, mas em nível “superior” (MASLOW, 1968, p. 56-57).

Outro ponto relevante no que concerne à descrição das necessidades básicas é separar a comum confusão entre o conteúdo intrínseco das necessidades e os instrumentos (dados sempre pela sociedade) de atualização e satisfação destas. Frequentar uma igreja, fazer parte de uma agremiação qualquer, ter dinheiro, ir a festas, tudo isso não são necessidades humanas, mas meios a partir dos quais estas conseguem ser decodificadas e satisfeitas pelo indivíduo:

A satisfação de necessidades básicas é interpretada amiúde como se significasse objetos, coisas, possessões, dinheiro, roupas, automóveis etc. Mas nada disso satisfaz, por si mesmo, as necessidades básicas, as quais, depois de terem sido contentadas as necessidades corporais, são de 1) proteção e segurança; 2) pertença, como numa família, uma comunidade, um clã, um bando, amizade, afeição, amor; 3) respeito, estima, aprovação, dignidade, amor-próprio; e 4) liberdade para o mais pleno desenvolvimento dos talentos e

capacidades da pessoa, individuação, realização do eu (MASLOW, 1968, p. 234).

As necessidades podem ser ignoradas ou reprimidas, mas, como já dito, nunca por completo. Uma boa maneira de fazer a leitura disso é interpretar cada necessidade como uma fase que compõe a vontade de “funcionamento total” da personalidade, assim como cada tijolo é parte significativa na construção de uma casa. Pode-se ignorar a colocação de alguns tijolos, mas a estrutura da casa será mais frágil neste caso. Da mesma forma, pode-se ignorar a emergência de uma necessidade, mas esse descaso continuará afetando o organismo, porque a lacuna será sempre sentida e, neste caso, reforçando a analogia, os ventos deficitários do inconsciente se farão sentir com mais força pela estrutura da consciência.

Uma possível classificação das necessidades é a que as divide em necessidades regressivas ou de *déficit* e necessidades elevadas ou de individuação. A fim de facilitar a compreensão, dividiremos (fugindo um pouco da formulação de Maslow, mas mantendo a essência da disposição hierárquica) as fases de desenvolvimento da pessoa em três: i) a fase de domínio pela necessidade de subsistência física; ii) a busca rudimentar por atrativos para a existência (a busca rudimentar por um sentido para viver); e iii) a busca pela plenitude ou individuação (atingir o perfeito funcionamento dos potenciais intrínsecos; viver como se cada atividade fosse a construção de uma obra de arte).

As necessidades de *déficit*, conforme explica Maslow, são as mais elementares e urgentes, e parecem estar ligadas ao instinto de sobrevivência e autoproteção do indivíduo. Uma forma de entender essas necessidades é associá-las à nossa parte mais instintiva ou animal, a qual nos leva, por exemplo, de modo semelhante ao comportamento dos selvagens, a priorizar a subsistência física e a

luta contra inimigos. Gradativamente, conforme a satisfação alcançada, essas necessidades de *déficit* vão convertendo-se em necessidades mais elevadas, que podem ser colocadas como intermediárias entre a mera subsistência e a plena individuação.

Ou seja, após obter do meio uma garantia psicológica de que terá o que comer e de que sua existência não será posta em xeque a qualquer momento (leia-se: de estar segura), automaticamente entra em cena, na estrutura psíquica da pessoa, a busca por meios geradores de prazer e apreço pela existência (esta que até então se resumia à subsistência física). Nessa fase, aparecem, por exemplo, necessidades como a de pertencer a um grupo, ser respeitado, apreciado e amado. Pensamos que essas necessidades intermediárias parecem estar intimamente ligadas, em um nível rudimentar, à carência de um sentido - um porquê - para a vida (da qual, evidentemente, somente animais humanos são dotados). Se nossa vida se resumisse à subsistência física, e esta já não exigisse muitos esforços, que “graça” teria? Que motivação teríamos para encarar todas as dificuldades do dia a dia, se nosso único retorno fosse tão somente subsistir? Buscamos, desse modo, ao tomar consciência, concretamente, de que somos muito mais que o instinto de sobrevivência, meios de agregar valor aos nossos dias.

A gratificação dessas necessidades intermediárias, quando acontece adequadamente, dá vazão às necessidades superiores ou de individuação. Aqui a pessoa passa a querer mais do que relacionamentos com outras pessoas e seus benefícios intrínsecos. O desejo de agregar valor, angariar elogios, congratulações e juras de amor; a busca por pertença, aceitação e admiração; todas essas necessidades de “carência relativa”, sempre dependentes do meio, ao serem satisfeitas, já não são mais suficientes para a pessoa. Ela é invadida, novamente, pela sensação de que falta algo, na medida em que percebe que há

algo a mais, e que pode ir além. Isso não significa, de modo algum, que ela irá abandonar, num sentido absoluto, as necessidades anteriores, como se fossem agora irrelevantes; pelo contrário, perceberá sua relevância como alicerce para o crescimento e como o conjunto de meios necessários para atingir a percepção de possibilidades maiores.

As possibilidades maiores às quais o indivíduo tem acesso concreto nessa fase podem ser vistas como consequência da busca, agora, por um significado pleno, uma satisfação mais profunda e duradoura com a existência, uma tendência à expressão completa do Eu idiossincrático. A incompletude percebida pelo indivíduo nas necessidades intermediárias deve ter entre suas justificativas principais o fato de que são elas sempre heterônomas - dependentes do meio. Isso significa que a instabilidade dos *feedbacks* obtidas do meio (especialmente das relações com outras pessoas) gera a instabilidade da pessoa, dado que ela age motivada por gratificações constantes. E é da nossa natureza buscar sempre a situação mais completa, livre, plena e autônoma possível.

A busca pela plenitude ganha, então, neste último estágio, cores mais vivas. A pessoa percebe com mais clareza e com a necessária proximidade a possibilidade da autonomia e da liberdade. Percebe que pode transcender os conflitos e instabilidades das necessidades intermediárias. Percebe, agora sim, a possibilidade – que até então parecia utópica – de viver relações sem posse, sem esperar sempre um “algo em troca”, sem depender de respostas positivas, de elogios, estímulos diversos, entrega alheia, etc.

A individuação aparece especialmente como necessidade de expressão, de criação, de significação. A arte talvez seja a transcrição mais precisa para tal estágio. Essa arte ganha expressão não só quando a pessoa toma posse de um instrumento musical, de uma câmera fotográfica ou de um caderno de poesias; aparece nas ações diárias, no trabalho significativo e original, nas relações ricas,

na excelência da prática de um esporte, na pura percepção da beleza da natureza e das criações humanas, na profundidade da compreensão da vida e do mundo, no engajamento por uma causa política, e assim por diante. A pessoa auto-expressiva atinge, finalmente, não o sentido pleno da existência, mas a verdadeira morada deste. Aqui o indivíduo atua como ser total, autônomo, doador de sentido para a própria existência, realizador.

É aqui, também, que Maslow vê o aparecimento dos chamados valores elevados do ser humano. Até então a vida concreta do indivíduo se resumia majoritariamente à gratificação de suas necessidades deficitárias, de modo que o mundo e os demais indivíduos eram vistos não somente como fins em si mesmos, mas (principalmente) como fontes de gratificação para suas necessidades. Nesse estágio de elevação do indivíduo aparecem centralmente as preocupações chamadas puras e desinteressadas: a verdade, a justiça, o bem, o belo, etc., todos encarados, agora sim, de um modo fortemente impessoal e imparcial, dado que só agora é possível enxergar, de modo concreto, a realidade com o necessário desprendimento. Isso não significa que antes o indivíduo não se preocupasse com tais questões. Significa, apenas, que antes o espaço destinado a elas era secundário.

Aqui pode ser oportuno tecer alguns questionamentos sobre a implicação disso para as teorias normativas da moralidade. De que adianta despender toneladas de energia vital para a formulação dos princípios mais adequados para guiar a vida dos indivíduos se a questão central, que é precisamente em que medida esses indivíduos estão interessados em seguir princípios elevados, é marginalizada? Qual a eficácia concreta de teorias intelectualistas, que se pautam quase exclusivamente no refinamento argumentativo para embasar julgamentos valorativos sobre as ações, se boa parte de nós está presa – sem muitas

esperanças de avançar – em necessidades regressivas e deficitárias como a insegurança, as neuroses e os bloqueios sociais?

Vale ressaltar, antes de encerrar este tópico, que todo o conteúdo acima exposto tem como pressuposto o fato de que o mero raciocínio consciente, mesmo quando enriquecido pelo conhecimento teórico, não é, de modo algum, suficiente para levar a pessoa humana da animalidade à plenitude. Da mesma forma que uma criança que tem medo não avança para a coragem por meio de argumentos externos – mas, principalmente, pelos resultados obtidos em vivências concretas –, também a razão consciente não pode, isoladamente, mostrar, de modo concreto, ao homem a beleza de avançar à plenitude e abandonar as necessidades mesquinhas.

A razão pode, tão somente, trabalhar como uma espécie de guia ou tutora (formulando, calculando e organizando os passos da pessoa a partir de suas possibilidades reais); mas as experiências em geral, as vivências práticas e concretas têm aqui a palavra final. Da mesma forma que a fome não desaparece com palavras bonitas ou raciocínios refinados, assim também a necessidade de amor, de aceitação, de estima, etc. não desaparecem sem que as sintamos realizadas na prática, sem que sejamos suficientemente alimentados delas nas nossas relações concretas.

A relação de dependência entre integração interna e integração externa

A tese principal do presente trabalho diz que a compreensão dos mecanismos que promovem o amadurecimento individual é o primeiro passo para a formulação de mecanismos capazes de promover avanços humanos no campo da moralidade. Além disso, defendemos nas linhas precedentes que há na própria natureza da pessoa uma tendência para atingir seu estado de realização plena, estado este marcado especialmente pela integração e harmonia tanto na

esfera interna como na externa ao indivíduo. Até aqui já foram abordados os pontos principais dessa tese, na medida em que a reflexão percorreu o conceito de realização plena da pessoa, o modo como, em tese, suas capacidades intrínsecas podem ser mais facilmente desenvolvidas e o modo como somos automaticamente direcionados para tal desenvolvimento. O objetivo da reflexão apresentada nas linhas a seguir é executar uma análise *aberta* da complexidade prática das nossas relações sociais, tendo como objetivo buscar algumas possíveis razões que levam a sociedade brasileira a distanciar-se do ideal de plenitude humana e da convivência saudável entre as pessoas.

Aristóteles, ao tratar do conceito de *philia*⁴, apresenta três tipos de amizade, cada um correspondente a um tipo de amor ou apreço pelas coisas do mundo. A primeira amizade é aquela que provém da utilidade gerada pela relação entre os amigos. A segunda tem origem no prazer que a relação proporciona aos envolvidos. A terceira forma de amizade é a amizade pelo bem, compartilhada como finalidade em si mesma. A primeira e a segunda, sustenta Aristóteles, são perecíveis na mesma medida em que os interesses (e, portanto, a utilidade apreciada nas coisas) de uma pessoa, bem como seus desejos (e, portanto, os objetos capazes de gerar prazer) tendem a ser renovados constantemente. A forma de amizade considerada perfeita é, então, a última, a qual é atingida apenas muito raramente, dado que exige da pessoa envolvida uma apreço pelos amigos em função apenas da natureza da amizade e do bem que dela se origina.

Ao tratar das relações saudáveis entre as pessoas, Maslow apresenta ideias semelhantes às de Aristóteles. A partir de seus estudos, realizados especialmente

⁴ Ver Carvalho (2009).

por meio da prática da psicoterapia e da avaliação de seus “bons exemplares”, o autor formula a contraposição entre o que chama de relações interpessoais interessadas e desinteressadas. As primeiras são semelhantes às duas primeiras formas de amizade descritas por Aristóteles, e assim o são porque o indivíduo busca na relação com o outro, antes de qualquer coisa, meios de suprir carências ou demandas de sua personalidade individual. Essas carências geralmente são associadas a dificuldades encontradas na satisfação de necessidades básicas de pertença, amor, estima e respeito. Já as relações desinteressadas, semelhantes à amizade perfeita descrita por Aristóteles, são aquelas em que a relação é estabelecida, acima de tudo, pelo apreço pela própria relação, pela percepção de que o bem é apreciável por si só e de que o bem interno ou particular da pessoa é também composto, e, nesse sentido, dependente do bem externo, da harmonia do todo. Ou seja, neste último caso, o indivíduo é já satisfatoriamente pleno em relação às suas necessidades básicas, e busca, na relação com o outro, potencializar a riqueza e a beleza da vida, muito mais do que receber gratificações típicas da idade infantil, como elogios, acolhimento, segurança, dentre outras:

Ver as pessoas, primordialmente, como saciadoras de necessidades ou como fontes de abastecimento é um ato abstrativo. Elas são vistas não como todos, como indivíduos complicados e singulares, mas, antes, do ponto de vista da utilidade. O que nelas não está relacionado com as necessidades do percebedor ou é inteiramente negligenciado ou então irrita, entedia ou ameaça. Isso equipara-se às nossas relações com vacas, cavalos e ovelhas, assim como com motoristas de táxi, criados, carregadores, policiais ou outros a quem usamos (MASLOW, 1968, p. 63).

Já na relação desinteressada, vemos que a avaliação, por parte do indivíduo, do outro é de natureza diferente, na medida em que

a aprovação, a admiração e o amor baseiam-se menos na gratidão pela utilidade e mais nas qualidades objetivas e intrínsecas da pessoa percebida. Ela é admirada mais por qualidades objetivamente admiráveis do que por causa de lisonjas ou elogios. Ela é amada mais porque é digna de amor do que por dar amor (MASLOW, 1968, p. 63).

A título de exemplo, veja-se a diferença no nível de ciúme e possessão num relacionamento enamorado (ou mesmo numa amizade) entre pessoas inseguras e entre pessoas seguras; aquelas tendem a cobrar mais, exigir demonstrações constantes de atenção e carinho, enquanto essas têm a tendência a dar mais liberdade, valorizar os momentos de afastamento, sentir-se bem com as alegrias do outro – mesmo quando tidas com outras pessoas –, e assim por diante. O mesmo mecanismo aparece nas situações em que alguém, precisando muito da ajuda de outra pessoa, pode vir a tratá-la momentaneamente com mais gentileza e carinho, mudando tal comportamento depois de satisfeita sua demanda. Essa demanda por uma ajuda momentânea distorce o comportamento do indivíduo nos mesmos moldes que uma necessidade neurótica altera os interesses da pessoa (quando, evidentemente, existem de fato uma distorção comportamental e uma necessidade neurótica). Vemos aqui, portanto, mais uma vez, o peso da saúde psicológica do indivíduo no modo como ele se relaciona com o mundo.

O mesmo esquema visto na problemática das relações interpessoais aparece também na relação cognitiva da pessoa com sua realidade material. Sabemos que, num certo sentido, os interesses particulares do indivíduo acabam sempre influenciando a sua percepção da realidade, fazendo com que as cores do real sejam manchadas pelos tons individuais da pessoa. Sem a pretensão de se afirmar que é possível atingir uma percepção perfeitamente objetiva da realidade, devemos assumir que essa percepção tende a ser mais ou menos imparcial, a depender da capacidade do indivíduo de focar somente no objeto ou

problema e, assim, separar tanto quanto possível a realidade externa de suas afeições particulares.

O justo, o bem e o belo acabam, portanto, inevitavelmente ganhando, em certa medida, tonalidades que o observador a eles destina. Mas um observador neurótico, carente, por exemplo, de apreço em seu meio, tende a enxergar com mais facilidade aquilo que a realidade pode oferecer para gratificar sua necessidade neurótica, deixando em segundo plano valores como imparcialidade, verdade e justiça. Nas palavras de Maslow, se a única ferramenta que a pessoa tem é um martelo, tudo começa a aparecer como um prego.

Dado que, conforme vimos anteriormente, a saúde das nossas relações com o outro depende, acima de tudo, do grau de autonomia que atingimos, e, considerando também que o atingimento desse status de relativa plenitude individual depende dos objetos percebidos pelo indivíduo como decodificadores de suas necessidades básicas, aquilo que é cultuado por uma cultura pode facilitar ou dificultar o desenvolvimento da pessoa.

Uma sociedade que valoriza fortemente a honra, por exemplo, fará com que seus indivíduos satisfaçam boa parte de suas necessidades quando reconhecidos por sua retidão de caráter. Vemos, inclusive, que em algumas culturas, como no Japão antigo, a honra ocupa valor maior que a própria vida, de modo que o suicídio é aceito com naturalidade em casos onde o suicida cometeu erro grave. Nas culturas ocidentais, especialmente as que têm, mais fortemente, o capitalismo como sistema estruturante das relações econômico-sociais, vemos que o objeto maior de culto é o dinheiro. Diferentemente da causa japonesa, aqui é a falência financeira que acaba, muitas vezes, motivando suicídios.

As consequências disso para uma teoria do desenvolvimento psicológico são diversas. Se o bem maior de uma sociedade é a acumulação material, o amadurecimento da personalidade da pessoa dependerá, em grande medida, da

sua capacidade de adaptar-se a essas condições. Isso porque a valorização do indivíduo, bem como sua aceitação e seu respeito, dependerão fortemente de seu sucesso dentro dessa realidade. Ou seja, da mesma forma que no Japão antigo a honra era critério primário para a aceitação e apreço de um indivíduo, de modo que agir honradamente era um atalho para satisfação de boa parte de suas necessidades básicas, na nossa cultura cada pessoa tem um preço, e o valor da pessoa, o modo como é acolhida, respeitada, estimada, depende em grande medida de “quanto vale” materialmente. Vemos a expressão prática disso, por exemplo, conversando com jovens em fase de escolha da carreira (a época de matrícula para o vestibular), momento em que o fator financeiro acaba sendo, em geral, predominante sobre qualquer outro na escolha do curso a ser seguido.

Juntando essas considerações às anteriores (que tratam das relações interpessoais interessadas e desinteressadas), vemos que, especialmente na nossa cultura capitalista, torna-se um grande problema, para qualquer pessoa, aproximar-se do nível ideal e desinteressado de relacionamento com o meio. Desse modo, o livre culto às pessoas pelas suas essências, pela sua beleza e riqueza intrínsecas, como fins em si mesmas (o mesmo interesse com que nos relacionamos, por exemplo, com uma obra de arte) e não como meios de satisfação de necessidades deficitárias, torna-se acessível a pouquíssimos. Isso porque o nível de desenvoltura psicológica exigido por tal modo de relação não é dado como possibilidade real, em nossa cultura, à grande massa. Nem as nossas escolas, nem as nossas instituições políticas e econômicas, nem os meios de comunicação estão interessados nesse tipo formação e desenvolvimento pessoal.

Dado que o culto à riqueza material tende a fortalecer uma fria e mesquinha valoração das pessoas (diferentemente, por exemplo, do culto ao respeito, ao amor, à simplicidade, à bondade, à integração ou ao altruísmo), o humano por trás das coisas materiais acaba sendo perdido de vista. Já não

sabemos mais se queremos desenvolvimentos na economia, nas tecnologias, nos luxos, nas sofisticações e na “ciência”, ou se queremos desenvolvimentos verdadeiramente voltados para o enriquecimento da vida. As nossas necessidades estão estampadas em cartazes colados em muros de concreto. As nossas capacidades “podem” ser compradas com dinheiro. Não sabemos diferenciar, no auge da sofisticação científica, uma criança que precisa de remédios para adaptar-se à aula de uma aula que precisa adaptar-se à criança. O humano, a energia vital, o potencial de criação e o desenvolvimento perderam-se no emaranhado de superficialidades que cultuamos.

Essas reflexões indicam que a alteração desse quadro deve passar, obrigatoriamente, dentre outras coisas, pelo restabelecimento do culto ao humano, à humanidade, à vida pura e livre, à simplicidade, aos sentimentos apreciáveis. A distorção interpretativa que coloca a razão como único traço distintivo do ser humano acabou por criar em nós certa insignificância (e até mesmo uma repulsa) quanto ao nosso caráter passional, incluídas aqui as emoções e sentimentos. A “opressão” da razão e da força acaba gerando um despreparo generalizado para lidar com boa parte dos nossos comportamentos, dado que uma simples introspecção é suficiente para percebermos quanto de nós pode realmente ser descrito como fruto de escolhas puramente racionais. Na medida em que tratamos de uma criança em idade escolar como se fosse apenas um intelecto, estamos atrofiando nela boa parte de suas qualidades de caráter.

A mesma limitação é vista na classificação de pessoas a partir de estereótipos. O estereótipo do feminino, geralmente associado à fragilidade sentimental, é colocado em oposição ao do masculino, cujos traços tendem a ser descritos como racionais e fortes. Seres integrais, independentemente do sexo, têm, como resultado dessa dicotomização, suas potencialidades estimuladas pela metade. Capacidades são negadas e reprimidas em prol de papéis sociais

prescritos. E, como vimos acima, a negação não significa que essas características estejam sendo eliminadas da nossa estrutura psicológica e que os “problemas” que enxergamos nelas estejam automaticamente resolvidos.

A restauração do humano parece difícil quando percebemos que o próprio sistema educativo, por meio de metodologias deficientes, fortalece esse quadro desumanizador. Uma pessoa inteira e complexa é reduzida, dentro da sala de aula, a um objeto capaz de armazenar e reproduzir conteúdos impostos hierarquicamente. O aluno não planeja, não cria, não elabora; apenas acata, capta e reproduz. Aprende, assim, desde cedo, que a abertura à autonomia, à experiência criativa, à vivência concreta e integral, fatores essenciais para o desenvolvimento da pessoa, devem ficar “para depois”. Vemos, inclusive, que, dentro da escola, o medo do erro e do fracasso (em tarefas geralmente não percebidas pelo aluno como relevantes para si) estão presentes com mais força do que o “medo” de auto-violação, da atitude mesquinha, da maldade, da fraude, de ferir o outro, e assim por diante.

Mas a avaliação crítica da nossa realidade apresenta-se especialmente problemática quando analisamos a influência dos meios de comunicação na vida das pessoas e o teor dos conteúdos amplamente compartilhados por estas no cotidiano. É notório o fato de que, hoje, o conteúdo veiculado pelas mídias ocupa papel central na educação de nossas crianças, dividindo de igual para igual o espaço com os pais e com a escola. A forma como isso acontece nos leva a crer que nossos meios de comunicação sejam grandes catalisadores da ideologia do subdesenvolvimento psicológico, na medida em que alimentam a padronização e a exclusão, classificando como inferior e, como se vê especialmente nos principais programas humorísticos, ridicularizando tudo o que não se enquadra nos padrões repetidos e afirmados incessantemente. Praticamente toda a programação midiática carrega consigo essa ideologia, cuja essência apresenta

um culto exagerado ao banal e ao superficial, na medida em que é voltado para características voláteis tais como um conceito estereotipado de beleza física, o luxo e a riqueza material, o sucesso e a fama (sem avaliar suas causas e seu merecimento), e assim por diante. O papel pedagógico disso para as crianças é inegável. Tal realidade tem feito surgirem, como resposta, muitas correntes pedagógicas que defendem a aplicação, nas escolas, da educação para lidar com as mídias, a fim de desenvolver na criança a capacidade de refletir criticamente sobre o que está vendo.

Esse quadro praticamente impossibilita a existência daquelas relações desinteressadas de que falávamos acima, dado que as riquezas humanas intrínsecas e originais, aquelas que deveriam ser cultuadas no indivíduo independentemente de qualquer necessidade mesquinha, são substituídas por rótulos superficiais e potencializadores de desejos mesquinhos e necessidades neuróticas. Somos, desse modo, uma cultura de competidores, ou mesmo de inimigos; cada um buscando uma “classificação” melhor no vasto e excludente quadro de rubricações. E não o fazemos simplesmente por egoísmo, por maldade ou por inocência; agimos de tal modo porque nossa natureza mais primitiva nos direciona a buscar aceitação, valorização, estima, reconhecimento, etc..

Aqui pode ser oportuno tratar, rapidamente, da frequente dicotomia dada à relação entre egoísmo e altruísmo nas relações sociais, bem como das comuns confusões feitas entre comportamento auto-interessado e maldade intrínseca da pessoa humana.

Muitas teorias que buscam explicar o comportamento do homem em sociedade acabam por confundir (ou ter suas ideias confundidas por quem as interpreta) dois pontos que parecem sinônimos, quando na verdade são mal esclarecidos: tratam-se dos conceitos de desordem (desintegração ou violência) social e “natureza má” do homem. A segunda parece ser explicação da primeira,

mas não parece difícil demonstrar que temos aqui uma confusão de interpretação da realidade. Entendido o egoísmo do homem como um mecanismo de defesa e desenvolvimento pessoal, parece natural que diante do risco para si e para outrem, a pessoa privilegie a si própria. As ações boas serão, desse modo, para o homem comum, tanto maiores quanto maior for a integração dos interesses do indivíduo com os interesses do todo. E, por outro lado, os conflitos aparecerão na mesma proporção que a nossa capacidade de “criar” inimigos. Essa simples noção parece ter uma carga de relevância imensa para a compreensão de boa parte dos nossos problemas sociais.

O indivíduo, apesar de viver em sociedade, pode sentir-se mais ou menos separado dessa sociedade, de modo que seu interesse pessoal pode estar mais ou menos integrado com os interesses dos outros. O que se vê é que, quando a sociedade consegue atingir uma relativa maturidade cultural, de modo que o indivíduo consiga comunicar-se e sentir-se membro de um grupo maior, aquela ideia inicial de caos social resultante dos conflitos de interesses particulares tende a ser amenizada, e assim é tanto mais quanto maior a integração dos indivíduos e seus interesses. O egoísmo acaba, aqui, atingindo um status de proximidade (chegando muitas vezes a ser confundido) com o altruísmo.

A simples noção de que a essência humana não é má contraria todo um sistema de crenças que, direta ou indiretamente, permeia ainda hoje praticamente todas as instâncias da nossa vida. Disse o sábio Pitágoras “eduquem-se as crianças e não será necessário castigar os homens”. Vemos, no entanto, o contrário em nossa realidade social. As políticas públicas parecem amplamente voltadas para vigiar, reprimir e punir, em vez de educar. Em cada esquina, precisamos de uma câmera de vigilância. Até mesmo dentro das salas de aula querem implantá-las. É alentador, apesar de tudo isso, saber que em outros

países (p. ex. os países nórdicos) e culturas têm-se um direcionamento voltado exatamente para o oposto, e os níveis de violência são admiráveis.

A nossa sociedade, na medida em que atomiza o indivíduo como se sua vida, seu sucesso e seus fracassos fossem independentes e desvinculados da vida, do sucesso e do fracasso das demais pessoas, faz com que o comportamento auto-interessado, vinculado à já citada tendência natural de buscar crescimento pessoal, seja tomado sem medir as consequências para o todo. Temos, como resultado, a indiferença por parte do indivíduo em relação à situação do outro. Em geral, a vitória de um é sinônimo da derrota de muitos.

Nas sociedades bem estruturadas em relação a isso, não existe, para o indivíduo, em geral, a necessidade de violar constantemente suas necessidades particulares em prol dos outros. Isso nos direciona, mais uma vez, à ideia de que não precisamos apelar para valores, princípios ou regras transcendentais e dotados de vida própria para buscar soluções para os problemas de organização das sociedades e culturas. O ponto chave dessa questão parece ser, acima de tudo, a sinergia entre interesses individuais e interesses sociais. Tal sinergia facilita consideravelmente o atingimento, na esfera individual, da maturidade psicológica, ao mesmo tempo em que catalisa a integração, o respeito e o desenvolvimento mútuo entre as pessoas.

Referências

- ANSCOMBE, G. E. M. Modern Moral Philosophy. In: *Ethics, Religion and Politics: Collected Philosophical Paper of G.E.M. Anscombe*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981.
- CARVALHO, J. B. A Herança Trágica na *Philia* em Aristóteles. In: *Educação, Ética e Tragédia: Ensaio Sobre a Filosofia de Aristóteles*. Rio de Janeiro: Nau, 2009.
- MASLOW, Abraham. *Introdução à Psicologia do Ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.
- _____. *La Personalidad Creadora*. Barcelona: Editorial Kairós, 1999.
- _____. *Motivation and Personality*. New York: Harper & Row, 1970.
- MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F. M; SILVA, J. M. (Org.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.